

Renata Pereira Amadei

A sobrevivência do jornal impresso diante de novos meios informacionais:
Padrões textuais e concepções discursivas da Tribuna de Minas

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito para obtenção de grau de
Bacharel em Comunicação Social na Faculdade
de Comunicação Social da UFJF

Orientador: Paulo Roberto Figueira

Juiz de Fora
Julho 2007

Renata Pereira Amadei

A sobrevivência do jornal impresso diante de novos meios informacionais:
Padrões textuais e concepções discursivas da Tribuna de Minas

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para obtenção de grau
de Bacharel em Comunicação Social na Faculdade de Comunicação Social da UFJF

Orientador: Paulo Roberto Figueira

Trabalho de conclusão de curso aprovado
Em 06/07/2007 pela banca composta pelos seguintes membros:

Prof. Paulo Roberto Figueira - Orientador

Prof. Tereza Cristina da Costa Neves - Convidada

Prof. Alúzio Ramos Trinta – Convidado

Conceito Obtido _____

Juiz de Fora
Julho 2007

AGRADECIMENTO

Agradeço de modo especial ao professor Paulo Roberto Figueira, que me auxiliou na execução do trabalho de forma bastante ativa. Agradeço a paciência, os conselhos e a dedicação que teve comigo. Mais que um professor, ele se tornou um amigo.

RESUMO

O trabalho tem como objetivo principal promover a discussão em torno dos desafios e das possíveis mudanças do jornal impresso diante de uma nova sociedade informacional. Em função da nova onda tecnológica, que invadiu o espaço sócio-cultural de maneira muito rápida, cria-se uma dúvida em torno da sobrevivência desse veículo. Os padrões jornalísticos vigentes, bem como as necessidades da sociedade informacional serão verificadas ao decorrer desse trabalho, amparando-se também em uma análise do jornal Tribuna de Minas, para uma melhor compreensão da estrutura jornalística atual.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTO	3
1 INTRODUÇÃO	6
2 OS DESAFIOS DO JORNALISMO NA ERA DA CIBERCULTURA	8
2.1 NOVAS TECNOLOGIAS: MORTE OU RECONFIGURAÇÃO DAS TECNOLOGIAS ANTIGAS?	10
2.2 O PAPEL DO JORNAL (E O JORNAL DE PAPEL) EM CRISE	12
2.3 OS DESAFIOS DO JORNALISMO IMPRESSO	18
3 A SOBREVIVÊNCIA DO JORNAL IMPRESSO ATRAVÉS DA DIVERSIDADE DE PADRÕES TEXTUAIS.....	22
3.1 REPENSANDO A OBRIGATORIEDADE DO <i>LEAD</i> E DA PIRÂMIDE INVERSA..	22
3.2 AS ESTRATÉGIAS DA HUMANIZAÇÃO DO RELATO E DO ADENSAMENTO DA INVESTIGAÇÃO.....	24
3.3 A LINGUAGEM JORNALÍSTICA E SUA PROXIMIDADE COM A LINGUAGEM LITERÁRIA	31
4 UM OLHAR SOBRE A TRIBUNA DE MINAS	35
4.1 BAIXAS TIRAGENS E BAIXO PADRÃO CONCORRENCIAL: ESTÍMULO AO CONSERVADORISMO	36
4.2 A EDITORIA GERAL E OS CLICHÊS TEXTUAIS	37
4.3 OPÇÃO PELO RELATO E AUSÊNCIA DE ANÁLISE	39
4.4 O IMPÉRIO DA PIRÂMIDE INVERTIDA E AS POTENCIALIDADES DE MUDANÇAS	42
5 CONCLUSÃO.....	46
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	50

1 INTRODUÇÃO

Esse trabalho tem como objeto central de discussão os desafios (e, conseqüentemente, as possíveis modificações) que o jornal impresso enfrenta diante de uma realidade na qual novas mídias surgiram e se consolidaram. Frente às numerosas formas de comunicação ofertadas na contemporaneidade, teria mudado também a função do jornal?

O processo não é novo, mas se intensificou nos últimos anos. Já na primeira metade do século XX, meios de comunicação como as rádios e televisões analógicas passaram a ocupar espaços que, até então, eram tradicionalmente reservados aos impressos. O processo de diversificação evoluiu: vieram a popularização dos telefones convencionais, do fax - e hoje um número cada vez maior de pessoas adquire televisão a cabo ou por satélite, microcomputadores, telefones celulares, e utiliza a internet de alguma forma.

Em função desse desenvolvimento e do surgimento de novas tecnologias de comunicação, o jornal talvez não possa mais se estruturar com base na oferta da notícia em primeira mão, ou seja, não seria ele o veículo a trazer as informações mais recentes.

Num contexto em que os consumidores de informação podem contar com o auxílio amplo da internet - que abrange não somente os computadores (portáteis ou não), como o próprio celular, que recebe notícias factuais a todo instante, além de diversos outros aparelhos que possibilitam essa troca rápida de informação - as funções históricas dos veículos impressos precisariam ser redefinidas?

Supondo-se que se superou o momento histórico no qual as pessoas esperavam ansiosas pela chegada do jornal, para ficarem informadas sobre o que estava acontecendo no mundo, que formatos (inclusive de texto) deveriam ser implementados pelos jornais? Hoje, a informação acontece em tempo real, 24 horas por dia. Basta acessar a Internet.

Além de buscar refletir sobre esses fatos, a monografia também discutirá diferentes estilos da linguagem jornalística, e buscará analisar quais são as implicações das distintas formas de escrever mais adequadas para a nova realidade do jornalismo impresso. Mesmo com as mudanças que ocorreram ao longo do tempo, informação vai ser sempre informação, em qualquer lugar e em qualquer tempo. O que muda é a forma, a maneira como se dá a notícia.

A necessidade de quebra de alguns padrões tradicionais do jornalismo impresso como necessidade para a sobrevivência desse veículo é a hipótese que será abordada nesse trabalho – cujo objetivo é exatamente colocar esta hipótese sob prova a partir do estudo de um veículo específico. Para dar sustentação empírica ao estudo, será feita uma análise de caso do jornal local Tribuna de Minas.

Sendo o principal jornal da cidade, uma análise deste veículo permitirá verificar se as mudanças ocorridas em outros jornais já puderam ser perceptíveis em um ambiente menor e com menos recursos, como em Juiz de Fora. A monografia analisará as estruturas textuais e as escolhas editoriais das edições da Tribuna no período de 3 e 10 de Junho de 2007, de modo a embasar, a partir deste material, um diálogo com a literatura sobre mudanças no jornalismo.

Para tanto, no primeiro capítulo se abordará a questão do jornalismo impresso e seus desafios diante da nova sociedade informacional, marcada pela utilização das novas tecnologias. O segundo capítulo irá tratar da possibilidade de sobrevivência dos jornais impressos através da aplicação da diversidade textual e da humanização do relato, além do rompimento com alguns padrões rígidos impostos pelo jornalismo tradicional. Por último, um estudo de caso com o jornal Tribuna de Minas, cujo objetivo principal será detectar se esse jornal permanece inserido dentro dos padrões rígidos do jornalismo tradicional, ou se já apresenta mudanças em suas estruturas textuais.

2 OS DESAFIOS DO JORNALISMO NA ERA DA CIBERCULTURA

A sociedade que se configura nesse século poderia ser perfeitamente denominada de sociedade da informação (CASTELLS, 1996), visto que a revolução tecnológica pela qual passamos se mostra verdadeiramente contínua, abrangente e complexa. A convergência digital criou novos aparelhos, novas formas de comunicação e novas plataformas de produção de dados, fazendo surgir novos canais a partir da junção de diversas formas de comunicação.

A cultura contemporânea está marcada pelas tecnologias digitais. É a cibercultura, criada a partir da relação entre sociedade, cultura e novas tecnologias de base micro-eletrônica, que surgiu com o encontro das telecomunicações e da informática, na década de 70. Essa relação possibilita novas formas de se produzir e veicular a informação, da mesma maneira que se torna mais difícil distinguir as diferentes linguagens utilizadas para se comunicar. “Em pouco tempo, houve uma explosão de novas formas de comunicação. As pessoas desenvolveram seus próprios sistemas: o SMS, os blogs, o skype.” (CASTELLS, 2006).

As formas comunicacionais se ampliam e se aperfeiçoam a cada dia, através do desenvolvimento tecnológico. É fácil perceber isso, diante das facilidades que nos são apresentadas, como *home banking*, celulares, *palms*, *pages*, fax, internet, entre outros. Dessa forma, nos últimos anos uma grande parte da população tem sido testemunha de uma invasão crescente, no seu cotidiano, das novas tecnologias micro-eletrônicas de comunicação, que causam mudanças na função, na quantidade, na qualidade e na velocidade das trocas de informações.

Entretanto, a questão do pessimismo ou do otimismo em relação à sociedade cibercultural não é o problema principal a se discutir no presente trabalho. Existem aqueles que enfatizam a predominância das mazelas e aqueles que constataam as maravilhas das novas

tecnologias – e os dois grupos têm argumentos sólidos a apresentar. Contudo, o que nos interessa debater, no presente momento, é o comportamento do jornalismo frente a essa nova cultura. Diante de um novo ambiente tecnológico (com profundas implicações sócio-culturais), que conseqüências há para a prática do jornalismo?

Todo tipo de mídia altera nossa relação espaço-temporal. Para SANTOS (1996):

Cada nova técnica não apenas conduz a uma nova percepção de tempo. Ela também obriga a um novo uso do tempo, a uma obediência cada vez mais estrita ao relógio, a um rigor de comportamento adaptado ao novo ritmo... A influência das técnicas sobre o comportamento humano afeta as maneiras de pensar, sugerindo uma economia de pensamento adaptado à lógica do instrumento. (SANTOS, 1996, p. 123-124)

Uma ressalva inicial é necessária. Estas novas tecnologias ainda estão em pleno processo de implementação e, nesse contexto, não se deve tratá-las como uma forma hegemônica (pelo menos não até o momento). Essa revolução multimídia, na qual qualquer indivíduo pode emitir e receber informação em tempo real, sob diversas formas e para qualquer lugar, ainda não é realidade para milhões de pessoas - no Brasil e na maior parte do mundo, a exclusão digital é um fato.

A realidade brasileira é muito diferente da realidade norte-americana ou européia - o que significa dizer que, por mais que estejamos inseridos na cibercultura, essa diversidade tecnológica ainda não está ao alcance de todos. Baseando-se na questão da exclusão digital brasileira, pode-se afirmar que essa diferença de realidades culturais entre várias partes do mundo também acarreta diferenças no comportamento, ou melhor dizendo, no processo de adaptação entre novas e antigas tecnologias nos diferentes espaços sócio-culturais.

Dentro da sociedade informacional, esse imenso avanço tecnológico, esses desenvolvimentos culturais e essa agilidade no transporte da notícia serviram também – e continuam contribuindo - para modificar as funções e o papel dos veículos tradicionais. É

interessante comentar que, desde que essa onda gigantesca de novas formas de comunicação apareceu, uma pergunta sempre se repete: o que será do jornal impresso? Interessante lembrar que esse tipo de questionamento também foi feito em relação aos livros de papel, diante das informações e dos textos que são disponibilizados na internet. Contudo, esses livros ainda disputam lugar nas listas dos mais vendidos, e não deram nenhum sinal de desaparecimento, como presumiam alguns.

A imprensa escrita tem sido alvo de algumas indagações, afinal, como manter a sobrevivência de um veículo em papel, dentro de um mundo praticamente digitalizado? Para responder a esse tipo de questionamento, temos que discutir a estrutura desse veículo, a sua forma, a sua necessidade e ao seu efeito no público leitor – numa perspectiva comparativa com as novas tecnologias. É preciso entender suas vantagens, cotejando-as às características dos novos canais de comunicação.

2.1 NOVAS TECNOLOGIAS: MORTE OU RECONFIGURAÇÃO DAS TECNOLOGIAS ANTIGAS?

Em sua história, o jornalismo sofreu dois grandes impactos tecnológicos marcantes. O primeiro foi em 1850, com a possibilidade de produção de jornais em massa. Nesse período, a preocupação era produzir lucros e se tornar auto-sustentável. Isso fez com que o jornalismo se tornasse menos livre (pelo menos do ponto de vista da diversidade ideológica), e mais dependente das condições do mercado. O segundo impacto foi em 1970 com a chegada da inovação tecnológica na comunicação. Ela trouxe um novo componente ideológico na informação, que conforme o professor e autor CIRO MARCONDES FILHO (2000), “é o componente ideológico das novas tecnologias, aquilo que não se fala mas que se passa através do uso das técnicas” e que desestruturou, de certa maneira, o jornalismo que era feito até o momento.

Desde o surgimento da “onda tecnológica” digital, o jornal impresso tem passado por questionamentos quanto à sua durabilidade frente aos novos meios de comunicação. Mas esse tipo de questionamento acontece sempre que uma nova tecnologia surge no mercado. Quando surgiu o rádio muitos acharam que seria o fim dos jornais impressos.

O mesmo ocorreu com o surgimento da televisão, em relação ao rádio e ao jornal. Assim como o surgimento da fotografia provocou a irritação de muitos pintores, que demoraram a considerar essa nova técnica como arte (para, mais à frente, perceberam que a fotografia libertou a arte da tarefa de reproduzir literalmente as imagens do mundo, permitindo a emergência de estéticas não-realistas).

Para MCLUHAN (1964), “ao se operar uma sociedade com uma nova tecnologia, a área que sofre a incisão não é a mais afetada. A área da incisão e do impacto fica entorpecida. O sistema inteiro é que muda”. Contudo, essa mudança no sistema não significa necessariamente a extinção dessa “área afetada”. O desaparecimento de um veículo em função do surgimento de outro somente se dará caso o primeiro não consiga se modificar ou se atualizar para acompanhar o processo de inovação.

A estrutura, a forma, a qualidade e o modo como uma tecnologia se desenvolve é o que faz com que o veículo se mantenha no mercado ou seja extinto, em função de algo mais inovador ou mais promissor. Por isso, é importante entender as qualidades, as funcionalidades e as diferenças de toda forma de comunicação. De acordo com DINES (2007):

A internet veio para ficar: é forma de participação, meio de expressão, ferramenta, veículo de informação, entretenimento e agora com a Second Life tornou-se uma espécie de existência virtual, extraterrena, tecno-esotérica. Mas as maravilhosas conquistas da web são exibidas e transcorrem na tela de um monitor, sua rival em velocidade e formato é a TV. Jornais e revistas são outra coisa. Estão contidos, dimensionados e condicionados pela natureza do papel. (Dines, 2007)

O desenvolvimento social também reflete diretamente na escolha entre um ou outro veículo. Hoje, com a chamada sociedade da informação, a busca pelas notícias se dá de maneira intensa e muito rápida. É muito comum ver pessoas recebendo notícias pelo próprio telefone celular. Um aparelho desses pode receber notícias, receber ou enviar e-mails, mensagens, pode receber boletins informativos de alguns sites, pode conectar o usuário a uma sala de bate-papo, entre muitas outras possibilidades.

Os *notebooks* – computadores portáteis e leves, que as pessoas costumam levar para vários lugares - também contribuem bastante para a busca da informação digitalizada. Alguns restaurantes, por exemplo, oferecem linha de conexão gratuita para os clientes se conectarem na web. O próprio aparelho de fax pode transmitir dados, usando apenas a conexão da linha telefônica, e o rádio também já tem uma utilização mais difusa; algumas empresas costumam instalar esses aparelhos em alguns veículos para se comunicarem com funcionários que não estão por perto. São inúmeras as possibilidades de se comunicar.

Todavia, diante de toda essa diversidade, de que maneira se comporta o jornal impresso? Como esse veículo tem se mostrado diante de tantas mudanças? A estrutura, a qualidade, a forma, permanecem ou se modificam? Como reagir a tudo isso?

2.2 O PAPEL DO JORNAL (E O JORNAL DE PAPEL) EM CRISE

Muitos sustentam que a linguagem do jornal impresso tem se mostrado inadequada para sobreviver à competição com os novos meios comunicacionais. Os jornais estariam cada vez menos diferenciados e cada vez mais previsíveis. As matérias muitas vezes marcadas por pouca averiguação, pesquisa e conteúdo, além de apresentarem significativas falhas redacionais, apresentam uma certa repetitividade.

O excesso de notícias com pouca profundidade no conteúdo nos transmitem a falsa sensação de que estamos sendo bem informados. Entretanto, as matérias não apresentam muita coisa além do que já foi dito na TV, por exemplo. Especificamente no Brasil, outro problema que afeta o sistema de cobertura jornalística é o fato de que grande parte de nossos veículos passa por dificuldades financeiras. Para o editor e autor JOSÈ ARBEX Jr. (2003, p.44-45), “é comum, por isso, que os maiores jornais e revistas brasileiros se contentem com a mera reprodução das notícias enviadas por agências e de artigos escritos por correspondentes dos grandes jornais estrangeiros (...)”.

De acordo com o jornalista e professor NILSON LAGE (1998, p.35), “o jornalismo se propõe processar informação em escala industrial e para consumo imediato. As variáveis formais devem ser reduzidas, portanto, mais radicalmente do que na literatura”. Essa produção em larga escala afeta diretamente o jornal impresso. As tiragens diárias, que chegam nas mãos dos leitores, passam por um processo muito rápido, tão rápido que as notícias apuradas hoje são redigidas, formatadas e impressas em alta velocidade, de modo que amanhã elas já estejam sendo lidas nas ruas. E essa pressa acaba por desqualificar um pouco o produto final. Conforme o professor e autor Ciro Marcondes Filho:

A máquina informativa tem processos que são detonados por jornalistas – associados aos seus próprios vícios (clichês) e visões de mundo parciais e preconceituosas -, produz, ela mesma, a desinformação através de diversos procedimentos de intoxicação com informação e, além disso, dá margem a processos livres, incontroláveis, inadministráveis de mistificação e desinformação. (Marcondes, 2000, p.113).

As dificuldades enfrentadas hoje pela mídia impressa, juntamente com suas falhas de estruturação, levam a uma alteração de valores que acarreta uma perda de credibilidade da imprensa escrita. Conforme o diretor do jornal *Le Monde Diplomatique*, IGNÁCIO RAMONET (2005), a descrença sobre esse tipo de mídia pode ser explicada:

Em primeiro lugar, porque ela pertence cada vez mais, a grupos industriais que controlam o poder econômico e são coniventes com o poder político. E também porque a parcialidade, a falta de objetividade, as mentiras, a manipulação e a pura e simples cascata não param de aumentar. Sabe-se que nunca houve uma “idade de ouro” da informação, mas esses descaminhos envolvem agora os jornais de qualidade. (Ramonet, 2005)

A relação entre jornalismo e poder tem se tornado promíscua diante das trocas de favores e da disputa sobre o poder da informação. Conforme disse o jornalista José Arbex Jr, em sua obra *O Jornalismo Canalha* (2003):

Não raro, os próprios jornalistas aceitam fazer o papel de escribas do poder, reproduzindo o comportamento dos correspondentes enviados a Canudos, que não mencionaram – ou apenas registraram, muito de passagem – a degola de homens, mulheres e crianças. Muito poderia ser escrito sobre as razões que determinam tal comportamento – do triunfo momentâneo do pensamento neoliberal, para o qual o mercado é a lei inexorável da existência, ao puro e simples oportunismo de carreiristas que sabem o que devem escrever e falar para “se darem bem” na profissão. (ARBEX, 2003, p.197)

A rigidez de padrões na qual a imprensa escrita se encontra faz com que as adaptações às novas necessidades sociais se dê forma ainda incipiente. A inadequação da linguagem jornalística dos impressos para determinados públicos (entre os mais jovens, o índice de leitura de jornais impressos cai sistematicamente em todo o mundo) já foi constatada em numerosas pesquisas. A procura pelos novos meios se acentua provavelmente porque os veículos clássicos – como os jornais – não conseguem atrair o leitor como antes.

E isso não acontece apenas pelo fato de os responsáveis por esses veículos já estarem acostumados a trabalhar com a linguagem tradicional. Mudanças muito profundas na estruturação desses veículos também causam um certo desconforto, e a aceitação do novo se torna difícil. Ou seja, ao redor do mundo, há relatos de jornais que perderam leitores porque

não mudaram, enquanto outros perderam leitores porque mudaram demais. O desafio do presente e do futuro é buscar o ponto de equilíbrio nas mudanças.

Faz tempo que o jornal impresso deixou de ser uma fonte para se ter notícia extraordinária, conhecida como notícia de primeira mão. Essa função agora pertence ao rádio, à TV ou à Internet. O papel do jornal impresso dentro da sociedade da informação mudou. O século XXI se configura com novas necessidades, novas buscas, e isso faz com que a imprensa tenha de se adaptar a um novo tipo de jornalismo, se quiser permanecer na cabeça, ou melhor dizendo, nas mãos dos leitores. Diante dos fatos, alguns jornais vêm se preparando para enfrentar o novo mercado consumidor, ditado pela nova sociedade informacional. É o caso, por exemplo, do jornal Folha de São Paulo, que já em 24 de agosto de 1997, divulgou o seguinte texto em seu editorial:

O jornalismo terá de fazer frente a uma exigência qualitativa muito superior à do passado, refinando a sua capacidade de selecionar, didatizar e analisar. É recomendável que a gama de assuntos a serem cobertos até mesmo se reduza em alguma medida, desde que em contrapartida sua seleção seja mais pertinente, e o tratamento que receberem, mais compreensivo. Uma tal mudança implica repercussões na pauta, na reportagem, no texto, na edição. É preciso maior originalidade na identificação dos temas a serem objeto de apuração, bem como uma focalização mais precisa de sua abordagem. (Projeto Editorial da Folha, 1997)

A quebra de alguns padrões rígidos dentro do jornalismo não é apenas uma questão estética. Trata-se de uma necessidade desse veículo, que tem como objetivo fazer frente a muitos outros veículos de comunicação de massa, recuperando seu público alvo e conquistando novos leitores. Na citação acima, divulgada no projeto editorial da Folha de 1997, é claramente perceptível a necessidade de se modificar e romper com alguns padrões estabelecidos.

A redução do número de matérias contidas no jornal, por exemplo, é algo marcante. Ou seja, é melhor oferecer menos quantidade – em números de notícias - para oferecer maior qualidade daquilo que se está lendo. Outro impresso de renome, o *Le Monde*

Diplomatique, optou por mudanças estruturais significativas para garantir sua permanência segura no mercado, conforme texto de seu diretor IGNÁCIO RAMONET (2005):

(...) Pretendemos continuar fiéis aos princípios fundamentais que caracterizam nossa maneira de informar. Diminuindo o ritmo de veiculação da informação; apostando num jornalismo que esclareça o lado obscuro da notícia; interessando-nos por situações que não estão nas manchetes dos noticiários, mas ajudam a elucidar o contexto internacional; propondo dossiês, cada vez mais abrangentes, mais aprofundados e mais documentados, sobre as grandes questões contemporâneas; mergulhando até o fundo dos problemas, com método, rigor e seriedade (...) (Ramonet, 2005)

O jornalismo superficial, tópico, já não funciona mais. Ao comprar um jornal impresso, é aceitável que o leitor esteja buscando as implicações dos fatos, os detalhes, as contradições e as relações que existem, por exemplo, entre uma notícia brasileira e o que isso representa dentro do mercado econômico internacional. Outra coisa importante a ser destacada dentro do jornalismo impresso é o fato de se presumir que o leitor já tenha um conhecimento prévio daquilo que está sendo colocado no jornal.

Por mais que o leitor já tenha tido alguma informação anterior – por meio da TV, do rádio, da internet, ou de qualquer outro meio eletrônico – ele quer uma informação mais completa, mais apurada. O que ele não tem pela TV – por se tratar de veículo rápido, no qual as informações são passadas de maneira reduzida por causa do tempo – ele procura no jornal impresso.

Na TV, assim como na internet, as notícias são tópicas, fragmentadas, descontínuas. Conforme disse Antônio Prada, em entrevista ao programa Observatório da Imprensa (exibido no dia 30 de Agosto de 2005, na TVE): “a vocação da internet hoje é muito mais forma do que conteúdo. Nós trabalhamos muito mais com os elementos da rapidez e do *delivery* da informação do que propriamente da profundidade”.

Ao entrar em site de notícias, por exemplo, nos deparamos com inúmeras manchetes em uma mesma página. Abaixo, normalmente, um minúsculo resumo do que a referida notícia irá tratar. Mas, para ler a notícia na íntegra, precisamos clicar no link e entrar em uma nova página. Entretanto, ao ler a notícia toda, percebemos que ela está incompleta, que é muito curta e que falta alguma coisa.

Por isso, no final das matérias, normalmente encontramos uma lista de links relacionados com o tema ou com a notícia que acabamos de ler. Mais uma vez temos que entrar em outras páginas para ter acesso a informações um pouco mais completas. Isso é um exemplo de fragmentação, pois a notícia acaba sendo “picada” em diferentes páginas. Além disso, esse formato eletrônico passa uma falsa sensação de grande conteúdo informativo. Sem contar que os sites hoje oferecem muitas informações meramente copiadas de outras páginas, fazendo com que o internauta perca literalmente seu tempo.

Muitos se chocam quando lêem uma matéria na internet e, ao tentar aprofundar o conhecimento, descobrem que os outros sites estão dizendo exatamente a mesma coisa, sem nenhum acréscimo. E essa superficialidade pode passar despercebida, já que na internet visitamos inúmeras páginas sobre inúmeros assuntos ao mesmo tempo.

No caso da TV, a superficialidade e a fragmentação também são bastante notórias, e acontecem principalmente pela questão do tempo. Os noticiários possuem um tempo exato de exibição, e muita coisa acaba não sendo transmitida para não ultrapassar o tempo previsto. Outra questão polêmica é que as maiores emissoras de TV são dominadas por grandes empresários e grandes grupos econômicos, diretamente ligados à política nacional. E esse fato prejudica diretamente na escolha do que será transmitido e de como será transmitido.

É claro que no caso dos jornais impressos, a ligação com grandes grupos econômicos também se faz presente. Entretanto, trata-se de um veículo com muito mais espaço para discussões – uma vez que não tem tanta limitação de tempo, como a TV – e com

muito mais possibilidades de ser um veículo menos parcial – já que é possível abrir campo para argumentações e análises críticas em sessões apropriadas.

Portanto, ao ler um jornal, o leitor está buscando detalhamentos, argumentações, explicações de todos os fatos já noticiados pelos outros veículos. A notícia de primeira mão, ele já teve. O que ele passa a querer, depois disso, é o aprofundamento. E por mais que esses grandes grupos empresariais queiram defender um determinado ponto de vista dentro de seus jornais, isso pode ser feito através do editorial, sem nenhum constrangimento.

Mudanças no formato já foram notadas em alguns impressos. Nos anos 90, por exemplo, boa parte dos grandes jornais atualizou seus parques gráficos, sendo que alguns investiram em pequenas expansões visando à ampliação da capacidade de impressão em cores. Entretanto, somente esse tipo de mudança já não se mostra tão eficiente.

2.3 OS DESAFIOS DO JORNALISMO IMPRESSO

Um dos grandes desafios da mídia impressa hoje – estamos falando aqui não somente dos jornais, mas também das revistas – é se aproximar mais do leitor. Trabalhar em cima de alternativas que permitam uma nova relação com esse público, uma relação mais firme e mais aprofundada, que se mantenha em torno da credibilidade e da fidelidade. É preciso despertar nos leitores a vontade de se ler um impresso e a certeza de que, através desses jornais, eles vão estar bem informados.

As mudanças nos padrões atuais de jornalismo impresso exigem muito mais do que uma simples alteração de formato. É claro que um jornal em cores, com uma aparência mais limpa e mais clara, atrai bastante o leitor, mas as mudanças na estrutura é que vão fazer com que esse público busque cada vez mais a informação através desse veículo. No jornal,

não é possível transmitir informações através de imagens ao vivo (como na TV), e nem mesmo se pode ouvir as fontes diretamente, (como no rádio).

Por isso mesmo, é necessário oferecer mais ao leitor, bem mais do que se tem oferecido. Ao falar da redução de linguagem que ocorre dentro do jornalismo, em comparação com a linguagem literária, o professor Nilson Lage se refere exatamente à forma de comunicação que se pratica hoje nos jornais impressos. Mas, diante da onda tecnológica que presenciamos todos os dias, fica uma questão interessante: uma reformulação na linguagem jornalística, de forma que ela se aproximasse da linguagem literária, não atrairia mais o leitor?

Já que as novas tecnologias – como já foi dito antes – apresentam uma linguagem tão fragmentada, tão descontínua e tão superficial, a alternativa para se mostrar contrário e diferente a esses clichês não seria, talvez, uma aproximação maior com a linguagem literária? Obviamente não estamos falando sobre a perda da objetividade, que é muito importante em qualquer texto, mas sim de uma nova maneira de escrever.

Nos jornais *on line*, por exemplo, o vocabulário apresentando é muito simples. Conforme *Ciro Marcondes Filho*:

O princípio de sobrevivência do documento não suporta nem uma sintaxe nem um vocabulário complexos. A escrita se aparenta mais à linguagem falada, evitando-se a gíria e as repetições. O estilo é mais direto, menos literário que no suporte escrito. A qualidade da informação é reduzida ao essencial. (MARCONDES, 2000, p.157)

È exatamente a essa forma que o jornal impresso não pode mais se assemelhar. Ele tem que ter um diferencial. A sociedade mudou e, com isso, suas exigências também mudaram. A aproximação com o leitor começa pelo conteúdo e pela forma do jornal. Acrescentar um tom mais pessoal às matérias, por exemplo, pode ser o início de um bom relacionamento com o público. A TV faz muito bem esse papel, quando o repórter faz a

passagem na matéria. No momento em que ele aparece na tela, o telespectador tem a perfeita sensação de veracidade, afinal, o repórter está lá, pessoalmente.

Ou ainda, quando os âncoras comentam determinado assunto durante o telejornal, a sensação que temos é que a matéria está viva, presente, atuante. O rádio também transmite essa idéia, principalmente quando os convidados estão presentes no estúdio. Aliás, não só quando estão presentes, mas quando o radialista permite ao ouvinte escutar determinada entrevista – previamente gravada – diretamente com o entrevistado.

Outro exemplo de padrão que deveria ser quebrado dentro do jornal é a questão do *lead*. No jornalismo, ele significa a abertura da notícia. De acordo com Nilson Lage (1987, p.26), *lead* é o “primeiro parágrafo da notícia em jornalismo impresso. Relato do fato mais importante de uma notícia. Na forma clássica, esse relato começa pelo aspecto mais importante”. Em regra geral, o *lead* aparece sempre no início da matéria, de preferência, em suas primeiras linhas.

Entretanto, quando um jornalista desenvolve um texto – um bom texto – ele não precisa necessariamente colocar o *lead* na primeira linha. É muito arbitrário supor que o leitor não tenha condições de assimilar um texto, caso as informações mais importantes estejam descritas em seu conteúdo, e não no primeiro parágrafo. Quando uma matéria é bem redigida, de forma clara, coesa e compreensível, com vocabulário simples (e nem por isso ridículo ou coloquial demais), qualquer leitor tem condições de entendê-la.

A linguagem literária se diferencia bastante da linguagem jornalística, principalmente na questão do detalhamento. Normalmente, um texto literário apresenta descrições – por vezes até longas – para evidenciar exatamente um acontecimento. No caso dos jornais, é necessário explicar mais, detalhar, para que o leitor possa ter a compreensão exata do relato. É preciso manter a integridade dos fatos e não deixar que interpretações errôneas dos próprios jornalistas dificultem a interpretação do leitor.

A utilização de gráficos e esquemas, por exemplo, auxiliam muito na compreensão de um texto. A linguagem gráfica – como é conhecida – tem se tornado bastante comum na mídia impressa (e também nos telejornais), mas vale lembrar que ela apenas auxilia. Um texto complexo, escrito de maneira reduzida, com termos de difícil entendimento, não será salvo através de um simples gráfico ou desenho. A linguagem gráfica é apenas um complemento, um facilitador, mas que em nenhum momento substitui a boa escrita e competência jornalística.

Existem muitos caminhos a seguir, inúmeras formas de inovar, várias maneiras de atrair. Mas para isso, os clássicos e endurecidos sistemas de comunicação – nesse caso, o jornal impresso – precisam fazer mudanças, buscar o aperfeiçoamento. É possível fazer jornalismo de um modo diferente, mais agradável, mais profundo, mais verdadeiro, ou até quem sabe, um pouco mais literário. O jornal impresso no Brasil só tem 200 anos. Ainda não esgotou o seu potencial.

Os jornais impressos ainda têm um longo trecho para seguir. Apostando na diversidade e quebra de alguns padrões rígidos, pode-se chegar a resultado bem mais satisfatório. A aproximação com o leitor não é apenas um novo estilo. É o caminho para a permanência.

3 A SOBREVIVÊNCIA DO JORNAL IMPRESSO ATRAVÉS DA DIVERSIDADE DE PADRÕES TEXTUAIS

O discurso jornalístico é um tipo de produção textual (ou mesmo visual) de massa que tem como objetivo principal ofertar informação. Em qualquer tipo de texto – seja na reportagem, na notícia, ou até no texto opinativo – a disponibilização de informação é o ponto chave de todo e qualquer discurso que se pretenda jornalístico. Os diferentes estilos de linguagem jornalística podem ter estruturas igualmente diferenciadas (porque atendem a objetivos específicos e são utilizados para manter uma comunicação eficiente com distintos públicos), mas teoricamente se unificam na pretensão informativa.

Todavia, na realidade contemporânea, talvez a linguagem jornalística – como já foi discutido anteriormente – necessite de algumas mudanças. As atividades analíticas, a interpretação, a construção cautelosa de um texto, o detalhamento, as relações, enfim, muitas técnicas discursivas têm sido abandonadas dentro do jornalismo diário, devido à necessidade de se produzir em escala, digamos, industrial, e também devido à preocupação com o *deadline* e com a concorrência de outros meios. Mas, para sobreviver diante de tanta competição, sobretudo no caso do jornalismo impresso, é preciso fornecer ao leitor algo novo, atender melhor as necessidades da nova sociedade.

A aproximação com o leitor – que hoje se faz bastante necessária para os jornais impressos – deve ser proporcionada nos mais variáveis estilos de escrita. É possível escrever de forma mais atraente, com mais profundidade. Não basta informar objetivamente. É necessário auxiliar o leitor na tarefa de inteligência da notícia. Espera-se muito mais dos jornais, e a humanização dos relatos pode ser o alicerce para essa aproximação.

3.1 REPENSANDO A OBRIGATORIEDADE DO LEAD E DA PIRÂMIDE INVERSA

A notícia tem como função tornar público um fato. Para NILSON LAGE (1987, p. 16), “a notícia se define, no jornalismo moderno, como o relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante ou interessante; e de cada fato, a partir do aspecto mais importante ou interessante”. Dentro desse conceito de notícia está implícita também uma característica adotada pela escrita da mídia impressa que se chama pirâmide invertida.

O esquema clássico ordena o início da matéria, ou da notícia, com os fatos mais relevantes, e os conteúdos dos parágrafos seguintes vão apresentando importância menor, em ordem gradativa. Essa característica foi adotada quando os jornais ainda não eram editados e diagramados no computador, e o corte na montagem dos exemplares podia eliminar uma parte do texto. Escrevendo de acordo com a pirâmide invertida, a parte supostamente cortada na montagem seria, portanto, a parte menos importante.

Contudo, os impressos de hoje são amparados por diagramações totalmente informatizadas, que não oferecem risco de cortes em seu conteúdo. Não existe razão, portanto, para se fixar esse tipo de norma dentro de uma redação. Quando um texto é bem redigido, de forma clara, coesa, coerente, ele pode apresentar as informações mais importantes antecipadamente, ou seja, já nos primeiros parágrafos, ou deixar que esses dados sejam apresentados no final do texto. Dessa forma, mantém-se um certo clima de suspense até o final da leitura, sem que haja prejuízo de entendimento para o leitor. Para SODRÉ e FERRARI (1986, p. 75):

Um texto tem força quando arrebatava o leitor e faz com que ele chegue ao fim da narrativa. Os pressupostos para tal resultado estão ligados à seleção de elementos (isto é: omissão ou expansão de pontos) que, combinados em sequência, produzem um efeito. (SODRÉ e FERRARI, 1986, p. 75)

Como a função da notícia é basicamente relatar um fato (e, sendo normalmente mais curta, sem detalhar demais as informações), fica difícil tirá-la dos padrões da pirâmide inversa e do *lead*. Entretanto, nas matérias mais extensas a situação muda. As matérias possuem mais espaço para contextualização, o que permite um trabalho mais apurado na escrita. Não importa se a matéria é uma reportagem, uma crítica, um texto opinativo ou investigativo. Em qualquer um desses estilos, a obrigatoriedade do *lead* deveria ser repensada.

A maior parte dos manuais de estilo e manuais de redação prioriza a estrutura de uma matéria da seguinte forma: as primeiras linhas do texto devem conter as informações mais importantes, para atrair e seduzir o leitor, de forma que ele se mantenha “preso” naquele texto. Mas não seria prepotência demais julgar o leitor dessa maneira, e acreditar que ele seja incapaz de entender ou de se interessar por uma matéria, caso as informações principais sejam colocadas ao longo do texto, e não nas linhas iniciais? Não seria também muito autoritário deduzir que o leitor não teria interesse no restante da matéria, caso o texto fuja do modelo da pirâmide invertida?

3.2 AS ESTRATÉGIAS DA HUMANIZAÇÃO DO RELATO E DO ADENSAMENTO DA INVESTIGAÇÃO

A escrita jornalística também tem como regra geral manter a objetividade e uma certa tendência a procurar manter o máximo de imparcialidade possível. Não podemos afirmar que essa escrita seja literalmente imparcial, porque, ao relatar, o próprio jornalista faz um recorte da realidade, baseado em seu próprio conceito e visão de mundo particular.

Entretanto, ao humanizar o relato, torna-se inevitável aplicar um certo grau de subjetividade no texto, e a aproximação com o leitor se apresenta bem mais eficaz. Um texto supostamente objetivo requer cortes, simplificações e reduções que acabam por transmitir um

certo distanciamento do leitor comum. Ao contrário, quando o jornalista acrescenta um tom pessoal à matéria, quando faz um detalhamento maior mostrando aspectos não muito convencionais, ou quando escreve de uma maneira mais peculiar, o resultado pode ser bem interessante.

A narrativa não pertence apenas ao ambiente ficcional. Trata-se de um discurso que ressalta um mundo real, material, com fatos e acontecimentos verdadeiros. Mais funcional que o relato simples, discreto e reduzido, a narrativa jornalística permite um maior aprofundamento dos assuntos, com maior elaboração e detalhamento. Conforme os autores MUNIZ SODRÉ e MARIA HELENA FERRARI (1986):

O desdobramento das clássicas perguntas a que a notícia pretende responder (quem, o quê, como, quando, onde, porquê) constituirá de pleno direito uma narrativa, não mais regida pelo imaginário, como na literatura de ficção, mas pela realidade factual do dia-a-dia, pelos pontos rítmicos do cotidiano que, discursivamente trabalhados, tornam-se reportagem. (SODRÉ e FERRARI, 1986, p.11)

A tentativa de valorizar o humano, de ser mais sensível aos acontecimentos, de se colocar presente no momento em que se escreve um texto, e de se descrever com mais intensidade o ambiente e os fatos se torna possível através da narrativa. Ligada à emotividade, a humanização se dará mais intensa quando o relato for feito por alguém que também participa dos fatos, e não apenas narra. E a reportagem, que é um tipo de narrativa, pode englobar tudo isso.

A reportagem é um estilo de escrita que aborda não somente o factual (assuntos que estão sendo discutidos cotidianamente na mídia, de forma até exaustiva) como também temas importantes que não apresentam o caráter temporal, que não têm necessidade de serem publicados de forma imediata. No caso da reportagem, o tempo de apuração é maior, o tempo que se consome para elaborar esse tipo de texto também é maior e, por isso, o repórter precisa de mais informações para a construção dessa matéria.

A maior profundidade na abordagem do fato permite a essa forma de narrativa um tratamento diferenciado do texto, mais elaborado que o texto noticioso. A busca de um formato narrativo mais refinado que os relatos-fórmula da notícia é fundamental para a estruturação de uma reportagem interpretativa. Contudo, o que se observa em grande parte dos impressos brasileiros é um despreparo dos jornalistas e uma total falta de cuidado ao redigir a reportagem. Não raro encontramos fontes tendenciosas, ou afirmações duvidosas, por conta de uma necessidade de publicação.

A reportagem é um espaço que deveria ser bem melhor aproveitado. Seu texto permite uma maior liberdade de experimentações, uma vez que seu estilo é menos rígido que o da notícia. Para SODRÉ e FERRARI (1986, p. 9), a reportagem é “uma narrativa – com personagens, ação dramática e descrições de ambiente – separada entretanto da literatura por seu compromisso com a objetividade informativa”.

Outro tipo de narrativa que também possibilita a humanização da escrita jornalística é o texto opinativo. Trata-se de um texto mais aberto, mais livre de padronizações, uma vez que o autor tem liberdade para expor suas opiniões. O texto opinativo é encontrado tanto nos editoriais quanto nas sessões especiais de articulistas ou de colunistas. O editorial apresenta a opinião do jornal sobre determinado assunto, e os artigos e colunas demonstram a opinião dos autores.

Também a opinião poderia estar mais presente (ou presente com mais qualidade) nos impressos atuais. Com frequência, os espaços das seções fixas opinativas servem apenas para veiculação dos pontos de vista de seus titulares, que raramente promovem ali o contraditório – ou seja, outras vozes que exponham idéias diferentes sobre um mesmo assunto acabam sendo dispensadas. De acordo CHAPARRO:

O discurso jornalístico caracteriza-se, cada vez mais, pela aptidão de captar, compreender e socializar, pela mediação crítica, os discursos interessados dos

agentes produtores de acontecimentos, falas e saberes que desorganizam, reorganizam ou explicam a atualidade. (CHAPARRO, 1998, p. 76)

Se antes os jornais eram diferenciados pelo furo de reportagem, hoje, com a onda tecnológica avançando sistematicamente, o que diferencia um jornal de qualidade ou até mesmo uma boa agência de notícias é a capacidade de seus profissionais para interpretar os fatos. Dessa forma, o veículo consegue fazer com que o leitor compreenda melhor a realidade e, ao mesmo tempo, cumpre com seu papel social.

As matérias interpretativas são importantes dentro do jornal impresso. E se apresentam cada vez mais necessárias, quando se trata de aproximar o público leitor dos jornais. A busca mais detalhada das informações, as apurações mais profundas, a escolha criteriosa das fontes, a procura por detalhes, tudo isso é fundamental para a o trabalho interpretativo. O próprio leitor cobra do seu jornal preferido a melhor orientação para a compreensão dos fatos.

O gênero interpretativo está relacionado com o jornalismo investigativo. Para se interpretar um fato adequadamente, é indispensável uma investigação aprofundada do assunto. O texto interpretativo permite que o leitor tenha conhecimento das origens dos fatos e de seus desdobramentos. Além disso, possibilita que o público tenha um conhecimento maior sobre as conseqüências de determinados acontecimentos e de suas relações, por exemplo, com a economia ou com a política.

As matérias interpretativas são bem aceitas pelo público, e deveriam ser mais utilizadas nos jornais. É possível fugir do padrão comum do texto jornalístico através desse tipo de texto. Para LUIZ GARCIA (1996), “interpretar não é editorializar, mas dar ao leitor elementos suficientes, relacionados à raiz e à essência dos fatos, para que ele entenda, faça suas previsões e forme opinião”.

A interpretação de um fato ocorre em qualquer discurso, seja verbal, literário, científico ou jornalístico. Conferir à narrativa vários níveis interpretativos talvez ajude o leitor a encontrar aquele argumento ou interpretação com que mais se identifique. O leitor não deve ser escravo de uma interpretação que se apresente como única, já que esta pode não ser tão condizente com a realidade que pretende traduzir. Conforme CHAPARRO (1998):

O mundo de verdade que dá significação ao texto é um mundo de ajustamentos dinâmicos, em contextos reais, com múltiplos sujeitos (todos interessados) e muitas verdades – verdades de quem escreve, de quem lê, de quem informa, de quem comenta, de quem fala, de quem ouve (...). E a interpretação dá-se por acordos e conflitos, por compreensão e incompreensão, por rejeições e aceitações, por desconfianças e crenças. É em sua totalidade interpretativa que o jornalismo se realiza como espaço e processo cultural. (CHAPARRO, 1998, p. 28).

As matérias investigativas também aguçam bastante a curiosidade do leitor. Nesse caso, a narrativa segue amparada de documentação e de extensa verificação. Para SODRÉ e FERRARI (1986, p.64), a reportagem documental, ou matéria investigativa, esclarece melhor o assunto tratado porque “é expositiva e aproxima-se da pesquisa. Às vezes, tem caráter denunciante. Mas, na maioria dos casos, apoiada em dados que lhe conferem fundamentação, adquire cunho pedagógico e se pronuncia a respeito do tema em questão”.

As matérias investigativas dos jornais representam “o fruto do trabalho exaustivo de levantamento e conferência de informações. O que se publica não é a denúncia de alguém, mas aquilo que o jornal, por seus próprios meios, verificou ser verdadeiro e digno de publicação”. (GARCIA, 1996, p. 47).

Esse tipo de texto apresenta algumas características que também permitem a ele escapar das rígidas padronizações empregadas nos jornais. Trata-se de um texto mais livre, do ponto de vista de estilo, com mais detalhamento e conferência de dados. Um recurso potencialmente utilizável nessas matérias é a descrição. Não só a descrição dos personagens,

mas também a descrição dos fatos, de como os fatos chegaram a um determinado contexto, de que forma se deu determinado acontecimento.

A descrição também é uma aliada na tentativa de humanização das matérias, já que o leitor se identifica mais com o que está sendo exposto. Dada a curiosidade do público médio, quanto mais descrição e detalhes, mais a informação fica completa, e mais o leitor fica satisfeito. Quando alguém conta um fato, normalmente é falado tudo o que foi visto ou tudo o que foi ouvido a respeito de determinado assunto, e os detalhes não são deixados de lado.

Aliás, um fato que poderia ser contado em alguns segundos ganha certa proporção no discurso falado, e leva-se mais tempo do que o necessário para ser traduzido. É importante, pois, a aplicação desse recurso também nos impressos. Não se coloca aqui a mudança para uma linguagem jornalística com riqueza de detalhes tal qual existe na linguagem literária. Entretanto, um pouco de descrição nos textos somente ampliará a aproximação com o público leitor.

É importante ressaltar que os outros estilos de textos existentes dentro do jornalismo apresentam igualmente a necessidade de uma redação correta, muita averiguação, conteúdo, e cautela ao criar a matéria. As declarações e entrevistas, por exemplo, exigem que o repórter tenha mais cuidado ao transcrever para o jornal tudo aquilo que foi dito durante a entrevista. Em primeiro lugar, é imprescindível saber a autoridade da fonte. Para que o jornal mantenha sua credibilidade, é fundamental escolher pessoas que saibam falar do assunto que está sendo abordado, e que tenham conhecimento e autoridade suficientes para se responsabilizar por tais informações.

No caso da declaração, as falas que serão reproduzidas não podem conter erros – nem de grafia e muito menos de interpretação por parte do repórter. Por isso, o ideal é que se publique exatamente o conteúdo fundamental do que foi dito. No caso da entrevista, também deve haver preocupação com a tradução das falas. Um erro ou um mal entendido pode

ocasionar muitos problemas futuros. Hoje, os jornais têm optado em transcrever as entrevistas através do formato pingue-pongue (com perguntas e respostas em seqüência). Isso diminui o risco de haver problemas com interpretações errôneas. Mas o cuidado com uma redação correta do texto deve ser mantido.

Na entrevista e na declaração é mais difícil ousar e tentar escrever de uma forma mais original. Uma pequena falha pode prejudicar todo o entendimento do texto. Além disso, esses dois estilos exigem muito cuidado em sua estrutura, uma vez que o objetivo é publicar exatamente o que foi declarado ou o que foi dito durante a entrevista, e não uma tradução baseada em interpretações do jornalista.

Entretanto, existem outros recursos que também aprimoram um texto impresso e agradam ao leitor mais exigente. É o caso, por exemplo, do vocabulário. Um texto deve ser elegante, o que não significa que deva conter palavras de difícil assimilação ou entendimento. A matéria deve ser bem redigida, de forma clara, simples e completa. Para LUIZ GARCIA (1992):

Uma riqueza o jornalista precisa ter e mostrar: a do vocabulário. Mas sem ostentação. Não se trata de tirar do baú o polissílabo desconhecido, mas de procurar a palavra que melhor descreve situação, cena ou episódio. Não é pedido a ninguém que tenha um dicionário na cabeça: mas exige-se de todos que conheçam o significado exato de cada termo que usarem. (GARCIA, 1992, p. 27)

A comparação entre dois fatos oferece também maior percepção do texto. Ela é sempre útil para situar o leitor em uma circunstância que ele já conhece. Dizer por exemplo que a área de um parque ecológico corresponde a mais de seis estádios do Maracanã, facilita a visualização do leitor. Outro exemplo seria comparar a fraude de milhões de reais nos cofres públicos e a equivalência em números de salários mínimos. O efeito que esse tipo de comparação causa é muito maior do que uma simples cifra solta no meio do texto.

A utilização de gráficos, tabelas e esquemas é outra maneira bastante funcional de oferecer mais interpretação, análise e conhecimento ao público. Esses artifícios são usados para explicar, de maneira mais clara, um fato mais complexo. É um tipo de recurso que tem sido utilizado pela mídia impressa, mas que poderia ser ainda mais explorado.

Por último, um bom jornal deve desprezar o excesso de informações. Não é a quantidade que faz a diferença, mas sim, a qualidade. E, para se obter a qualidade e a eficiência, é preciso ignorar essa idéia de informação em massa, de produção de notícias em larga escala, que no lugar de informar, acaba por confundir. Conforme CIRO MARCONDES FILHO (2000):

A desinformação ou ausência total de informação por força do excesso ocorre de várias maneiras. Em primeiro lugar, pelo volume, no sentido que os gregos davam à palavra *phármakon*, que é tanto o de preparar remédios como o de produzir venenos ou encantos. Em doses pequenas, salva; em doses grandes, mata. O bombardeio informativo narcotiza o receptor, para torna-lo indiferente à própria notícia. (MARCONDES, 2000, p. 113)

Todas essas questões até o momento discutidas são amplamente conhecidas. Contudo, entre o discurso e a prática tem existido uma longa distância. O caminho do atual jornalismo impresso brasileiro não tem sido capaz de ofertar, na realidade, esses modelos alternativos. Mesmo que a ineficácia da linguagem tradicional diante dos novos meios comunicacionais já seja percebida facilmente, a utilização de outros padrões textuais aparece nas páginas dos jornais com muito menos frequência do que nas recomendações dos manuais de redação ou dos textos acadêmicos.

3.3 A LINGUAGEM JORNALÍSTICA E SUA PROXIMIDADE COM A LINGUAGEM LITERÁRIA

A tentativa de se tornar mais íntimo do leitor através da humanização do relato aproxima a linguagem jornalística da linguagem literária. Todavia, não se está propondo nesse trabalho a adoção acrítica e dogmática de um modelo como o do *New Journalism*, descendente do Jornalismo Literário, nem mesmo uma cópia do jornalismo literário que já existe. O que está sendo sugerido é apenas uma aproximação com o estilo de linguagem usada na literatura.

O *New Journalism* americano surgiu na década de 60, e foi a manifestação de um momento do Jornalismo Literário. Foi uma versão específica desse último, entretanto, mais radical na questão do envolvimento entre o narrador e o universo sobre o qual iria escrever. Talvez hoje os textos do *New Journalism* apresentem características que, com dificuldades, seriam apenas parcialmente incorporadas ao texto jornalístico contemporâneo.

Basicamente, os textos apresentavam diálogos – inclusive com uso dos travessões –, descrições minuciosas de lugares, feições e objetos, além de apresentarem alternância do foco narrativo. Ou seja, o narrador poderia ser observador onipresente, poderia apenas testemunhar os fatos ou, quem sabe, participar dos acontecimentos. Podia ainda penetrar na mente de seus personagens reais, reconstituindo seus pensamentos, sentimentos e emoções.

Hoje, os jornais dificilmente comportariam esse tipo de estrutura de linguagem. Os diálogos são traduzidos em texto corrente, de forma a simplificar a leitura. Já as descrições presentes no jornalismo literário são específicas de uma escrita também literária. Obviamente faltam descrições na linguagem jornalística atual – como já foi mencionado antes; entretanto, não se deve aplicá-las como na escrita literária. Um bom texto necessita de descrições, desde que colocadas de maneira moderada. As pessoas são curiosas, querem saber dos detalhes, mas também não querem uma leitura exaustiva.

É interessante ressaltar que os textos atuais sofrem de uma certa carência de originalidade. Isso poderia ser evitado se houvesse, assim como na linguagem literária, uma

certa alternância de foco narrativo. Seria bastante proveitoso encontrar reportagens que apresentassem o narrador participante e outras em que o narrador se colocasse como testemunha dos fatos, por exemplo.

Essa escolha deveria ficar a critério do jornalista. Entretanto, o que se percebe é uma padronização, uma obrigatoriedade em redigir os textos quase todos em terceira pessoa. Contudo, há uma diferença importante entre esses dois estilos de linguagem. No jornalismo literário, a intromissão do narrador na mente dos personagens é permitida, ao contrário do jornalismo tradicional, que busca a veracidade das informações através dos próprios fatos – o que não permitiria, portanto, uma simples dedução da realidade.

O jornalismo literário é resultado de uma preocupação constante em fazer jornalismo sob um outro aspecto, no qual a notícia utiliza-se da perspectiva subjetiva. O problema é que esse estilo combinatório entre experiência pessoal e subjetividade nem sempre funciona. Não raro o autor perde o equilíbrio e acaba por escrever mais ficção, abandonando os fatos.

O que está sendo proposto nesse trabalho é a utilização diferenciada da linguagem, que preze pela qualidade e, ao mesmo tempo, ultrapasse as barreiras da padronização imposta pelos atuais veículos da mídia impressa. A precisão da linguagem esclarece melhor o significado dos fatos. É possível ser preciso em uma matéria para o jornal e, ao mesmo tempo, utilizar-se de alguns recursos da linguagem literária, já que a beleza de uma linguagem mais artística e a precisão ao informar sobre determinado fato não são características excludentes, mas complementares. A união de algumas características do jornalismo literário no jornalismo convencional pode ser enriquecedor para o discurso da imprensa.

É necessário revalorizar o talento dos jornalistas nas redações. Talento é a capacidade de gerar textos originais, com soluções adequadas e criativas, com abordagens diferentes e com maior alcance na percepção da realidade. Os assuntos abordados sempre da

mesma forma tornam-se pedantes e cansativos. Por isso alguns veículos impressos começaram a perder credibilidade, e algumas empresas começaram a perceber uma certa redução na venda de exemplares. Em meio a essa crise de identidade, os jornais estão sofrendo com a concorrência implacável dos novos meios de comunicação.

Contudo, ainda que as dificuldades sejam bastante visíveis, os jornais ainda podem ter uma vida longa. E a aposta para uma nova mídia impressa é a reestruturação. Tradicionalmente os jornais sempre informaram mais que a televisão. Basta reafirmar essa idéia. Mudanças radicais no conteúdo, na forma, e a humanização nos estilos de texto poderão abrir caminho para um novo tempo do jornal impresso no Brasil.

Afim de verificar se algumas dessas mudanças já se tornaram verídicas em âmbito local, esse trabalho apresentará no próximo capítulo uma análise da editoria Geral do jornal Tribuna de Minas, veiculado na cidade de Juiz de Fora. Trata-se de uma tentativa em identificar nesse objeto de estudo, as principais características encontradas em seu texto e algumas sugestões de mudanças para um melhor resultado jornalístico.

4 UM OLHAR SOBRE A TRIBUNA DE MINAS

Para se manterem como opção certa daqueles que desejam ter informação mais completa e analítica, os jornais impressos devem passar por muitas mudanças. São desafios necessários e que não dependem apenas da vontade dos jornalistas. Dependem de uma mudança estrutural em todo o conteúdo dos jornais e em toda a forma de escrita. Entretanto, apesar das dificuldades, não é impossível a implementação dessas mudanças.

Os problemas enfrentados pelos jornais impressos atingem inclusive a mídia local. Com menos recursos e menor tiragem, os periódicos locais enfrentam a concorrência dos veículos nacionais, o que torna a situação um pouco mais preocupante para os jornais menores. Diante disso, esse trabalho se propõe a analisar um desses veículos regionais, o jornal Tribuna de Minas, com o propósito de averiguar suas principais características e possíveis inadequações textuais diante da nova realidade enfrentada pelos veículos impressos.

O jornal Tribuna de Minas foi escolhido para ser objeto empírico desse estudo, em primeiro lugar, por ser produzido e veiculado na cidade desde 1981 e, em segundo lugar, por ser o impresso mais confiável e de melhor qualidade desenvolvido em Juiz de Fora e região. O objetivo principal dessa análise é verificar que tipos de linguagem e de estrutura de texto têm sido utilizados nesse jornal e que tipo de mudanças poderiam ser implementadas no veículo.

A análise foi baseada nas edições veiculadas entre os dias 3 e 10 de Junho de 2007, para que esse estudo de caso tivesse, como objeto de análise, material que fosse o mais recente possível. Além disso, a editoria Geral foi escolhida como parâmetro de estudos, uma vez que se trata da editoria com maior número de notícias produzidas localmente (e não material de agências nacionais ou internacionais), com foco no cotidiano da cidade.

4.1 BAIXAS TIRAGENS E BAIXO PADRÃO CONCORRENCIAL: ESTÍMULO AO CONSERVADORISMO

Apesar de estar no mercado local desde 1981, e de ser o diário de melhor qualidade aqui produzido, a Tribuna de Minas ainda tem poucos leitores. Isso é constatado pela tiragem do jornal, que chega a aproximadamente 15.000 exemplares nos dias úteis e 20.000 nos finais de semana, para uma população de mais de 500.000 habitantes. A efetiva venda em banca, cujos números oficiais não estão disponibilizados, certamente se situa em patamares muito inferiores à tiragem total.

Assim como a maior parte dos jornais impressos atuais, a Tribuna é impressa no formato *standard*, e em preto e branco – com exceção da capa, que começou a ser impressa em cores já em 1994. O jornal apresenta também características próprias em sua estruturação - e certamente admitira amplas possibilidades de mudanças para se conformar a padrões mais exigentes.

Tais mudanças talvez não sejam hoje uma premência apenas porque o periódico não tem concorrente efetivo (o jornal Panorama, que tentou ser uma alternativa, quando de seu lançamento em 2004, acabou tornando-se um tablóide distribuído gratuitamente, e se destina a outra faixa de público; o Diário Regional tem quase nula vendagem em banca).

As editorias da Tribuna não possuem um conjunto fixo de páginas específicas. Apesar de algumas seções encontrarem-se sempre nas mesmas páginas (vide a coluna Painel, sempre na página 2, bem como o Editorial e a charge), a cobertura noticiosa das distintas editorias ocupa espaços com grande flexibilidade. Nos exemplares avaliados dos dias 3 a 10 de Junho, por exemplo, encontram-se variações nas seqüências editoriais. Em sua maioria, a editoria Geral inicia-se na página 3, mas não é regra. Normalmente, na terceira página encontramos as notícias de maior importância, independente da editoria a que se vinculem.

Outra particularidade da Tribuna é o fato de não haver expediente aos domingos, impossibilitando a veiculação do jornal na segunda-feira. Isso reforça a tiragem aos domingos

(dia de maior vendagem em quase todos os jornais do país), mas cria uma lacuna perigosa para um veículo que precisa da cotidianidade e da regularidade. Um jornal eficaz deveria ter expediente todos os dias para atender a demanda e não permitir a aproximação dos jornais concorrentes ou de outras mídias.

Durante a semana de avaliação ocorreu ainda um outro fato interessante. Na sexta-feira, dia 8 de junho, não houve veiculação do jornal, devido ao feriado do dia anterior. Ou seja, nessa semana o jornal deixou de ser publicado dois dias. Dessa forma, abre-se espaço para que o leitor busque informações de outras formas, em outros veículos (se não os impressos, dada a baixa qualidade dos concorrentes, em mídias como a Internet, o rádio e a TV). Inclusive, a relação entre as lacunas de circulação do jornal e as baixas tiragens e vendagens seria merecedora de um estudo mais aprofundado.

4.2 A EDITORIA GERAL E OS CLICHÊS TEXTUAIS

A editoria Geral é a que possui – na maioria dos exemplares analisados – o maior número de matérias, ocupando de 2 a 3 páginas do jornal. Em geral, apresenta no mínimo duas fotos, sendo pelo menos uma em tamanho maior. As fotos maiores que ocupam grande parte da página são, normalmente, aquelas que se referem a fatos violentos como assassinatos e acidentes. Esse tipo de linguagem visual apresenta um certo caráter apelativo, que não corresponde à função informativa de um jornal.

Nota-se, nas matérias dessa mesma editoria, a escolha pelos estilos tradicionais de escrita. Em quase todos os textos é possível encontrar o *lead* da forma clássica, ou seja, respondendo já nas primeiras linhas as questões fundamentais sobre os fatos (o que, quem, como, quando, onde e por que). Nas matérias que tratam de acidentes, o *lead* é empregado de forma bem padronizada, alterando-se apenas o nome da vítima, o local e a data do acidente.

No jornal do dia 9 de junho, por exemplo, as duas matérias sobre acidentes com vítimas tiveram praticamente o mesmo *lead*. A primeira, que tratava de um acidente na BR-040, iniciava-se da seguinte forma: “Duas pessoas morreram e três ficaram gravemente feridas em acidente, ontem, no início da tarde...” (p.4). Já a segunda, que tratava de um acidente no trânsito da cidade, iniciava-se da seguinte forma: “Três pessoas ficaram feridas em dois acidentes com motos na manhã de ontem...” (p. 4). Nesses dois casos, não seria difícil criar outras estruturas de texto para além do *lead* clássico – por exemplo, buscando uma contextualização e uma humanização dos personagens envolvidos nos episódios.

Até nas matérias que envolvem homicídios (histórias que, pela dramaticidade, teriam grande potencial narrativo), o *lead* segue sempre a mesma receita. É o caso, por exemplo, das duas matérias publicadas em seqüência na edição do dia 9 de junho. A primeira, com o título “Mulher é morta com golpes de foice”, tem seu início da seguinte forma: “Uma aposentada, de 48 anos, foi morta a golpes de foice, na noite de quinta-feira, no Bairro Monte Castelo, na Zona Norte” (p.3). Já a matéria seguinte, com o título “Tentativa de homicídio”, apresenta em suas primeiras linhas uma estrutura quase idêntica: “Um homem de 21 anos ficou gravemente ferido depois de ser esfaqueado no Bairro Ipiranga, na Zona Sul do município” (p.3).

Outra matéria que apresenta estrutura inicial bem parecida foi publicada na Tribuna do dia 5 de junho, com o seguinte *lead*: “Dois jovens foram assassinados por disparos de arma de fogo, no final da noite de domingo, no Bairro Santa Cândida, na Zona Leste”. Em todos os casos citados, as matérias eram mais longas e mais detalhadas e poderiam, portanto, ter um *lead* diferenciado, um pouco mais trabalhado, ou optar por fórmulas textuais baseadas em outras estruturas discursivas que não o relato (a narração, por exemplo). Essa opção maciça e padronizada pela mesma estrutura textual torna a leitura contínua, repetitiva e cansativa.

Embora a quase totalidade das matérias analisadas tenha apresentado o *lead* tradicional, foi possível encontrar duas exceções – casos que só fazem confirmar a regra, à medida que mostram como seria possível buscar uma maior variação textual ao longo de todas as edições. A primeira matéria, publicada no dia 3 de Junho – e que foi uma continuação de um texto anterior sobre um comerciante que voltou ao local do crime após receber alta – ganhou o seguinte título: “Sensação de insegurança entre lojistas” (p.4).

A matéria se iniciava com uma estrutura textual um pouco diferente: “Insegurança. Essa era a sensação descrita por funcionários e proprietários das lojas localizadas no início da Rua Batista de Oliveira, onde o comerciante foi baleado durante o assalto no começo da noite de sexta-feira”. Apesar de conter todos os elementos de um *lead* tradicional, a estruturação do texto buscou outra fórmula que não o mero relato de números ou dados supostamente concretos .

A segunda exceção foi encontrada no exemplar do dia 9 de junho, dentro da editoria Geral, sob o título “Sopa dos Pobres pede ajuda” (p.5), com o seguinte formato: “Para os moradores de rua, enfrentar as noites frias de outono é uma questão de sobrevivência. Preocupada com essa parcela da população, a Sociedade Beneficente Sopa dos Pobres promove a campanha do cobertor”. Um *lead* que, sem abandonar a objetividade, busca humanizar a informação, comovendo e chamando a atenção do leitor para uma causa social. Trata-se de um exemplo de opção textual que não perde em qualidade, transmite a informação corretamente e ainda ganha em ousadia.

4.3 OPÇÃO PELO RELATO E AUSÊNCIA DE ANÁLISE

Outra questão interessante observada nessas edições foi a falta de profundidade analítica em muitos textos. A matéria citada acima - sobre o comerciante que voltou ao local do crime - deixou de fornecer informações relevantes. Uma das fontes ouvidas pela Tribuna

informou que os assaltantes fazem sempre o mesmo trajeto, saindo da Rua Batista de Oliveira e seguindo em direção à Avenida Francisco Bernardino.

Outra fonte informou que a polícia foi acionada assim que o comerciante havia sido baleado, entretanto, só chegou ao local após 20 minutos. No que se refere ao texto, faltou verificar junto a Polícia Militar o número de assaltos ocorridos nessa região no último ano ou nos últimos seis meses, por exemplo.

Também não se questionou a polícia quanto à demora de mais de 20 minutos para o socorro da vítima, e nem mesmo sobre a necessidade de se fazer um patrulhamento extensivo no local. Ou seja, a matéria apenas agregou informações, sem contextualizá-las e sem permitir que os fatos em questão gerassem uma discussão dos problemas estruturais enfrentados na área de segurança pública.

Ainda sobre a questão da falta de profundidade e de análise nos textos, a observação feita nesse jornal mostrou outro aspecto relevante. De todas as matérias analisadas, num total de 67 – incluindo-se as notícias, as matérias meramente informativas, e as reportagens – 15 tratavam de assaltos ocorridos em Juiz de Fora ou nas proximidades, sendo que, em 13 casos, a polícia não conseguiu localizar os assaltantes e nem mesmo os suspeitos.

Trata-se de uma amostra bastante significativa, que permitiria um questionamento maior junto à polícia. Contudo, a recorrência do mesmo padrão estabelecido pelas diferentes notícias não gerou, por parte do jornal, uma cobertura que conectasse os fatos específicos, por exemplo, numa grande reportagem investigativa sobre o tema. Ficou-se, tão somente, na publicação isolada de cada caso, sem que houvesse uma política editorial de costurá-los a partir de um eixo comum.

Falha considerável de omissão de dados relevantes ocorreu na edição do dia 6 de junho. A matéria em questão dissertava sobre o título de terceira melhor universidade do país,

alcançado pela UFJF, com base em resultados do Enade. O texto chega a citar que dos 28 cursos da instituição, 16 alcançaram a nota máxima no teste, e expõe comentário do pró-reitor de Graduação. Contudo, a matéria deixa uma dúvida: se a UFJF é a terceira melhor do país, quais instituições alcançaram o primeiro e o segundo lugar? Em momento algum a matéria oferece essa informação.

Algumas falhas redacionais também foram encontradas. No jornal do dia 3 de junho, ocorreram dois erros de grafia, relacionados aos nomes das fontes. O texto sobre a greve dos servidores da UFJF relatou a opinião do estudante Breno Fonseca, sendo que o nome da fonte foi redigido como “Breio Fonseca”. Na mesma edição, em matéria que tratava da circulação de catadores no trânsito, a fonte teve seu nome impresso de maneiras diferentes; Rosane e Roseane. Os equívocos não foram retratados na errata do jornal na edição seguinte.

Os enganos ocorridos durante a digitação dos nomes podem ser tratados como irrelevâncias, questões menores que não constituiriam erros com maiores conseqüências. Todavia, errar o nome de uma fonte no jornal significa uma total falta de cuidado e atenção com a redação da matéria. Um texto deve ser revisado mais de uma vez, se possível. E, caso o engano persista, cabe ao jornal retratar o equívoco na errata da próxima edição.

A retratação é uma forma de passar segurança e credibilidade ao leitor, uma vez que o jornal assume a falha ocorrida e a expõe de forma verdadeira. Se não se demonstra cuidado com os pequenos detalhes, corre-se o risco de sugerir ao leitor que as grandes questões também podem ter sido apuradas sem os devidos cuidados.

Das 67 matérias verificadas durante a semana, 22 eram reportagens. Foi possível encontrar reportagens longas e curtas, consistentes e mais superficiais. No entanto, o que chamou a atenção foi o fato de apenas duas apresentarem quadros explicativos que facilitassem a compreensão do leitor. Na edição do dia 6 de junho, a reportagem “Movimento cresce até 60% nas estradas” (p.4), conta com um grande quadro – que ocupa quase 1/4 da

página – informando sobre o funcionamento várias instituições (públicas e privadas) durante o feriado.

Já a reportagem “Mulher morre após aplicação de silicone líquido”, impressa na edição do dia 10 de junho, expôs um quadro explicativo com as principais diferenças entre o silicone líquido e o silicone em gel, uma vez que a matéria havia sido pautada em torno desse assunto. Além do auxílio da linguagem gráfica, essas matérias tiveram informações de fontes seguras e variadas, além de proporcionarem um texto claro, coerente e de fácil compreensão. Eram mais uma vez, no entanto, exceções que confirmavam que a regra era outra.

Na editoria Geral, de todas as matérias observadas apenas uma foi no estilo entrevista. O texto seguiu o padrão tradicional com o formato ping-pong, ou seja, com perguntas e respostas em seqüência. Como já foi discutido anteriormente, esse tipo de estrutura facilita a transcrição das informações, de forma a reduzir as possibilidades de erros em interpretações confusas do jornalista.

4.4 O IMPÉRIO DA PIRÂMIDE INVERTIDA E AS POTENCIALIDADES DE MUDANÇAS

Vale ressaltar que as 67 matérias publicadas apresentaram o formato da pirâmide invertida, no qual as informações mais importantes são colocadas já nos primeiros parágrafos. Não houve nenhuma tentativa de fugir dessa padronização. A reportagem reproduzida no jornal do dia 3 de junho, com o título “Circulação de catadores complica vias saturadas” (p.5), exemplifica a utilização desse tipo de estrutura.

O texto inicia-se com uma visão geral do volume de tráfego nas ruas da cidade, incluindo também o fluxo de catadores de material reciclável. A matéria continua com as declarações do coordenador de uma associação de catadores, de um engenheiro especialista em mobilidade e transporte, da assessoria de comunicação da Gettran e da chefe de

departamento da Amac. Ao lado, uma retranca e o respectivo texto que disserta sobre o trabalho de conscientização dos catadores elaborado por uma ONG da cidade e, por último, o depoimento de uma catadora, em que ela diz que começa a trabalhar à tarde porque o trânsito é menos confuso e, dessa maneira, ela não atrapalha o tráfego.

Entretanto, essa reportagem poderia ter sido reestruturada com uma seqüência diferente do trivial. Seria muito interessante começar o texto com o depoimento da catadora Carmem de Lourdes, no qual ele diz que não tem problemas com os motoristas. Conforme disse, “sempre deixo espaço para os carros, dou preferência, tento ser o mais compreensiva possível” (...). Um relato que a humanizasse e permitisse uma identificação dos leitores com seus dramas pessoais, que desse conta da complexidade humana de sua vida, talvez produzisse uma maior possibilidade de real compreensão do problema.

Por que não acompanhar, numa estrutura textual narrativa, um dia de trabalho da entrevistada? Em seguida, poderia entrar a matéria feita na ONG, informando que a instituição reconhece os problemas no trânsito – agravados pela movimentação dos catadores – e, por isso, faz uma campanha de doação de lixo, para tentar diminuir esse fluxo nas ruas. No final, poderiam entrar discussões mais analíticas sobre os problemas ocasionados no trânsito e as vias mais tumultuadas no Centro, além dos depoimentos do engenheiro especialista em mobilidade e transporte, da assessoria da Gettran, entre outros.

A utilização das fotos como recurso de linguagem visual também possui uma certa particularidade na Tribuna de Minas. Há uma média de cinco fotografias em cada editoria Geral observada, sendo que as fotos que ilustram as matérias de temas violentos, como mortes e acidentes, ganham destaque. Na reportagem apresentada no jornal do dia 5 de junho, na página 3, a fotografia utilizada para ilustrar a matéria tem um tamanho bem relevante (ocupando mais de três colunas), se comparada com outras ilustrações ao longo do jornal. A foto - que reproduz o sepultamento de uma das vítimas – foi colocada em tamanho bem maior

por se tratar de um tema violento, já que ocorreu um duplo homicídio. A imagem e a matéria ocupam em torno de 2/3 da página.

É óbvio que o jornal também apresenta aspectos jornalísticos elogiáveis. Na edição de 5 de junho, encontra-se publicada matéria com o seguinte título: “PM e agentes já atuam no trânsito” (p.5). Apesar de curto e de caráter meramente informativo, o texto ganhou uma nota explicativa ao final, informando o endereço do órgão mencionado na matéria e o telefone, para que a população pudesse ligar e fazer suas solicitações. Essa preocupação em converter-se em instrumento de serviço é uma das tendências do jornalismo contemporâneo para manter o interesse público.

Ainda no mesmo exemplar, a matéria com o título “Mais um é detido na madrugada” (p.5) foi redigida com o aporte de conexões históricas que contextualizaram o problema, apesar de o texto ser curto. A detenção de um homem de 25 anos, descrita no texto, foi complementada com os dados de outro caso de detenção ocorrido no mês anterior, originado pelo mesmo motivo.

Não se trata, aqui, de imputar críticas e acusações ou, ao contrário, elogios e louvações ao jornal. A Tribuna de Minas é um periódico tradicional e apresenta padrões de qualidade superiores aos de seus concorrentes. Contudo, mudanças em sua estrutura trariam para a cidade um jornal mais adequado às demandas de um novo público.

A análise da editoria Geral (que foi escolhida por ser a que mais apresenta matérias sobre o cotidiano da cidade, além de ser a que fornece a maior quantidade de notícias) revelou uma postura mais contextualizadora, em detrimento de uma postura analítica e crítica, que são ainda pouco utilizadas.

A linguagem gráfica – que facilita o entendimento e esclarece alguns trechos da própria matéria – também é ainda parcamente utilizada. A produção textual remete-se a estruturas muito rígidas, sem apresentar diversidade de estilos. Ou seja, faz-se um jornalismo

conservador, que, ao abrir mão da ousadia e da experimentação, fica aquém de suas potencialidades. Porém, não se pode esquecer que a Tribuna possui condições favoráveis para enfrentar as dificuldades que atingem toda a mídia impressa. Falta, apenas, enxergar a necessidade de mudanças e ter a coragem de correr riscos.

5 CONCLUSÃO

As dificuldades enfrentadas pela mídia impressa – mais especificamente pelos jornais - diante da onda tecnológica que acomete a nova sociedade informacional não é assunto inédito nos debates sobre Comunicação. A discussão sobre a sobrevivência desse veículo diante das inúmeras possibilidades informacionais remete à necessidade de comprovar empiricamente os pressupostos da inadequação do atual modelo de jornalismo impresso diante dessa invasão tecnológica.

É preciso, contudo, demonstrar se os veículos continuam insistindo em manter uma estrutura ineficaz e obsoleta. O fato de muitos jornais pertencerem a grandes grupos econômicos (sob incessante pressão da busca de lucros) contribui indiscutivelmente para a organização de uma mídia pautada na produção de notícias em série. Esses mesmos veículos, dominados freqüentemente pelas trocas de favores e pelos interesses políticos e econômicos, acaba por manter uma estrutura tradicionalista e comodista, esquecendo-se por vezes de seu papel mais importante: o papel social, que implica o atendimento das reais demandas informativas do público, e não as conveniências (ou os hábitos) dos veículos.

O papel que a imprensa possui na sociedade é fundamentalmente necessário para a constituição de uma sociedade mais alerta e mais ativa na definição de seus próprios rumos. Realmente, informação é poder. Quando as pessoas passam a ter mais conhecimento sobre determinado assunto, o passo seguinte é o do questionamento. E do questionamento, as pessoas vão para a fase da exigência; passam a cobrar seus direitos e a reclamar quando estiverem sendo prejudicadas de alguma forma.

O estado de inércia de uma sociedade somente ocorre quando a mesma não tem o conhecimento exato de todos os seus direitos e de todos os seus deveres. E conhecimento implica criticidade, capacidade de indagar a natureza dos fenômenos, mais do que meramente saber da existência deles.

Obviamente é difícil transformar todos os veículos de Comunicação do país, de forma que eles comecem a se preocupar mais com sua obrigação social. Mas não é impossível. Alguns grandes jornais já iniciaram sua fase de mudanças (ao menos parcialmente). É claro que as reformas pelas quais alguns títulos passaram, e pelas quais outros jornais também irão passar, não se deram somente por uma mera preocupação social. Aconteceram, principalmente, por uma mudança de interesse do público.

A concorrência das outras mídias (TV, internet, rádio, entre outros) difundiu uma nova concepção de informação, abrindo novas possibilidades. Isso acarretou perda financeira para os jornais impressos – já que o leitor começou a ter informações através de outros veículos, e de uma forma muito mais rápida.

Mas, ainda que as mudanças tenham ocorrido provocadas por uma perda financeira no caixa desses jornais, é importante ressaltar que a necessidade fez acontecer. E essa necessidade de reestruturação dos jornais é fato. Não há maneira de se permanecer em um mercado tão competitivo, mantendo-se uma estrutura tão ineficaz. A sociedade mudou e, com ela, seus interesses. O papel do jornal também mudou e, com ele, suas funcionalidades.

Para sobreviver nessa nova sociedade cibercultural, o jornal impresso precisa se reestruturar. A linguagem – parte fundamental de qualquer meio que se julgue informacional - tem que ser mais acessível e mais próxima de seu público alvo. E, por se tratar de um veículo de comunicação democrático, voltado às mais variáveis faixas de idade, de conhecimento e de situação econômica, os jornais impressos precisam oferecer mais.

O distanciamento do leitor é uma característica marcante de grande parte dos jornais. Isso acontece devido à linguagem extremamente padronizada, rígida, superficial e seriada desses meios, provocada pela falta de análise, de críticas, a falta de variedades estilísticas, bem como a quase inexistência de ligações entre fatos. O relato simples já não é

suficiente para atrair o público, afinal, ele adquire a mesma informação através da TV, por exemplo, e ainda conta com o auxílio das imagens.

O jornal impresso não serve apenas para informar. Precisa explicar. Não costuma mais oferecer tão freqüentemente furos de reportagem, então, precisa analisar. Não atende mais às necessidades dos leitores quando apenas relata um fato. Então, tem de criticar. E não se mostra mais funcional quando simplesmente menciona um acontecimento. Portanto, precisa contextualizar. É nova regra do mercado, exigindo um novo papel para o jornal impresso: o de qualificar o tratamento da informação.

A proximidade com o leitor se dará a partir de uma humanização dos relatos, através de mais liberdade jornalística. Isso pode ser feito com a ruptura de alguns padrões estabelecidos pelo jornalismo tradicional. A diferenciação é o ponto de partida para sobrevivência desses veículos diante de inúmeras possibilidades comunicacionais. Afinal, a adaptação a uma nova sociedade exige também uma adaptação de estrutura.

O estudo sobre a editoria Geral do jornal Tribuna de Minas comprovou que esse jornal ainda se mantém inerte às novas necessidades da sociedade informacional. Ainda que apresente aspectos qualitativos em sua estrutura, esses podem ser insuficientes para a sobrevivência desse veículo no futuro, sobretudo num cenário de eventual acirramento concorrencial.

A estrutura adotada por esse veículo de informação local se estabelece – em sua maioria - sobre a produção de relatos superficiais não humanizados. Os textos são alicerçados em padrões tradicionais do jornalismo diário, com pouquíssimas tentativas de diferenciação, ou de aproximação com o leitor.

Verificou-se, portanto, que o modelo jornalístico adotado na Tribuna de Minas – apesar de possuir qualidade superior ao de seus concorrentes locais – apresenta ainda grandes

possibilidades e grandes necessidades de transformações, assim como a maior parte dos veículos impressos da atualidade.

O jornalismo impresso no Brasil tem ainda um grande caminho para percorrer. Existem inúmeras possibilidades de diferenciação. É claro que um mínimo de padronização em sua linguagem deve existir, até mesmo para manter uma certa ordem e coerência da estrutura geral. Mas a rigidez na qual ele está inserido hoje somente leva ao afastamento de seus mais fiéis leitores. É preciso abrir espaço para a criatividade e para o talento. Mudar é preciso.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1964.

LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**. São Paulo: Ática. 1987

_____. **Linguagem Jornalística**. São Paulo: Ática. 1998

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de Reportagem**: notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1986

MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação e jornalismo**: A Saga dos cães perdidos. São Paulo: Hacker, 2000

GARCIA, Luiz. **O Globo**: Manual de redação e estilo. São Paulo: Globo, 1992

ARBEX JR, José. **O jornalismo canalha**: A promíscua relação entre a mídia e o poder. São Paulo: Casa Amarela, 2003

RAMONET, I. **Mídias em crise**. Le Monde Diplomatique, 2005. Disponível em < <http://diplo.uol.com.br/2005-01,a1046> > Acessado em 01/02/2007

CASTELLS, M. **A era da intercomunicação**. Le Monde Diplomatique, 2006. Disponível em < <http://diplo.uol.com.br/2006-08,a1379> > Acessado em 01/02/2007

DINES, Alberto. **Apocalípticos e futuristas**: a “morte” dos jornais é um bom negócio. Observatório da Imprensa, 2007. Disponível em <<http://www.tvebrasil.com.br/observatorio>> Acessado em 18/04/2007

FERNANDES, Livia. **As manchetes na história da Tribuna de Minas/ Juiz de Fora-MG**. Disponível em <<http://reposcom.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/17194/1/R2660-1.pdf> > Acessado em 25/05/2007